

SOLO NOVO

Margareth Becker

Lembro-me que o ar estava pesado, quando acordei naquela manhã. Esse quarto fica sempre abafado e úmido no verão. Fiquei deitada por um momento, acomodando-me aos sons do córrego, dos pássaros e das cigarras. Pensei em como esses sons são tão diferentes daqueles aos quais estou acostumada – buzinas de carro e do lamento maçante da borracha no asfalto.

Em minha casa no Tennessee, os sons eram de lutas: as pessoas correndo daqui para lá em busca de qualquer dólar ilusório; as pessoas apressando-se para ir a algum lugar por um momento de paz. Esses eram sons de uma jornada intempestiva.

Aqui, na casa para a qual meus pais vieram após se aposentar, os sons eram de acolhida, de uma jornada bem desfrutada. Não havia vizinhos gritando com as crianças, nem tráfego pesado de carros às 8h30 da manhã, a não ser o caminhão de transporte que ocasionalmente se dirigia à loja local para buscar papel. Acho que foi por essa razão que o tinido que ouvi, chamou minha atenção.

Que estranho!, pensei, a seguir, olhei para o relógio. São só nove horas! O que é isso? Escutei por um momento. Era um som metódico, cujo ritmo logo reconheci. Abri as cortinas para ver meu pai.

Sua face vermelha estava salpicada de suor, a expressão tensa pela determinação, e no meio do quintal ele enfiava urna enxada enferrujada no solo. Cerca de três metros em volta dele, formando um quadrado perfeito, havia terra vermelha escura, que recentemente fora revolvida. Demorei um pouco para perceber o que ele estava fazendo. O ano foi bem seco, e a grama, que um dia já parecia um tapete verde, havia desaparecido para dar lugar a faixas, todas separadas uma das outras, de restolho marrom. Esta não era a primeira vez que o via revolver a terra para plantar novas sementes.

Ele era um trabalhador diligente, e eu era evidência disso. Ele muitas vezes pegou a enxada para revolver minha vida – revirando o terreno baldio de meu coração, verificando minhas necessidades e plantando sementes de verdade ao longo do caminho. Quando me sentia derrotada, ele me fazia lembrar de minha força. Quando errava, a correção acontecia prontamente, e tudo terminava com um abraço seguro e confiante: o erro era esquecido. Quando necessitava de seus conselhos, ele os fornecia com

respeito e cuidadosamente. Ele até mesmo permitiu que algumas "ervas daninhas" crescessem ao longo do caminho para que ele pudesse mostrar-me o preço da liberdade e a importância de escolher com sabedoria.

Enquanto eu o observava, meus pensamentos retornaram ao passado. Lembro-me de aconchegar-me em seu colo, e ouvir histórias magníficas de reis e princesas de terras distantes. Recordo-me de suas mãos fortes me levantando do chão para receber um abraço seguro e reconfortante. Lembro-me de sua paciência inesgotável em relação a

minhas perguntas sem fim... a sombra de seu corpo sobre a mesa de jantar, enquanto verificava minha lição de casa... o frescor do ar da noite na mão dele, quando a repousava sobre minha fronte febril... a gentileza de seu passo, todos os anos, quando os pais dançavam com as filhas na praça. Eu tinha muitas lembranças maravilhosas.

Enquanto olhava para ele naquela manhã abafada de verão, tive a sensação de que essa era a primeira vez que o estava vendo em minha vida: esse é meu pai, homem honesto e gentil, que passou toda a sua vida doando-se aos outros.

As lágrimas que afloraram nos meus olhos eram de surpresa. Pensei qual teria sido a lembrança que passou por meus pensamentos e feriu meu coração sem que eu percebesse. Certamente, essas eram todas recordações felizes, nada que pudesse me fazer chorar. Nada que justificasse o nó na garganta.

Olhei ao redor do meu quarto, sem fixar o olhar em nada. Procurei por uma resposta em meu interior. Alguns segundos mais tarde, olhei novamente para meu pai. A resposta eclodiu em meu peito, uma explosão calorosa, tão inesperada quanto familiar. Com clareza perturbadora, a verdade se revelou: quantos sábados de manhã eu já havia escutado esses mesmos sons – a batida seca da pá, o zumbido do cortador de grama, o golpe sucinto das tesouras de podar. Quantas vezes me virei de lado para dormir meia hora a mais? Quantos domingos, à tardinha, observei meu pai encurvar-se, de modo rijo, sobre o sofá, mais exausto com as atividades do fim de semana do que com o trabalho em período integral durante a semana?

Quantas vezes eu disse a meu pai: "Eu o amo?". Quantas vezes eu lhe assegurei que ele era um bom pai, generoso nas coisas necessárias, como amor, atenção e tempo? Quantas oportunidades deixei passar sem demonstrar a ele, da mesma forma que ele demonstrou todos os dias de sua vida, que eu me importava com ele?

Naquele momento, eu compreendi o amplo espectro de amor que é a sustentação do amor paterno: os detalhes, muitos e constantemente desapercibidos – a maneira silenciosa de cuidar. Pensei em como Deus, em Sua provisão de Pai, cuidou de mim nesse detalhe – Ele permitiu que esse homem seja meu pai. Poucas coisas já me deixaram tão agradecidas quanto o ato de respirar. Eu estava aqui, e ele também estava aqui – portanto, ainda havia tempo.

Saí rapidamente da cama, vesti shorts e coloquei os tênis. Limpei as lágrimas que banhavam meu queixo e inclinei a cabeça por um momento.

– Obrigada, meu Deus, pelo homem maravilhoso que o Senhor escolheu para ser meu pai.

Jamais esquecerei o olhar de meu pai, quando apareci com um ancinho de metal em minhas mãos.

– O que você está fazendo em pé tão cedo, Maggie? – perguntou ele.

– Vim ajudá-lo, papai. Ele sorriu afetuosamente, e a expressão de seu rosto – aquela que eu só vira algumas vezes nesses anos todos – era do tipo que escutava os arrependimentos não expressos em palavras e percebia a sensação de seriedade do momento, além de permitir que essa

sensação passasse graciosamente; algo que apenas alguém com o vínculo de parentesco, de pai e de mãe, pode oferecer.

Começamos a revolver a terra para ter um solo novo, e, a cada puxada com o ancinho, eu sentia tamanha alegria e contentamento que só acontece quando há a restituição de um débito de amor que ficou para trás.